

**PALAVRAS DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES GENERAL JOAQUIM  
CHITO RODRIGUES NA CERIMÓNIA EVOCATIVA DO 104º ANIVERSÁRIO DA  
BATALHA DE LA LYS EM 09 DE ABRIL DE 2022, DIA DO COMBATENTE**

Exmo. Senhor Presidente da República Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, Excelência. Receba o nosso profundo reconhecimento por mais uma vez nos honrar com a sua companhia nesta tradicional e patriótica evocação do Dia do Combatente. Mais um honroso testemunho que se junta às manifestações públicas de apreço com que tem distinguido a Liga dos Combatentes e os Combatentes.

Exma. Senhora Ministra da Defesa Nacional Professora Doutora Helena Carreiras. A presença de V. Ex<sup>a</sup> nesta cerimónia, num momento em que acaba de iniciar o seu mandato é para nós um estímulo e a garantia da importância e atenção que lhe merece a Causa dos Antigos Combatentes e os seus problemas.

Exmo. Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas Almirante Silva Ribeiro. Um profundo agradecimento pelo apoio real sempre concedido aos combatentes e à Liga dos Combatentes. Muito obrigado pela sua presença em Richebourg e La Couture.

Exmo. Senhor Secretário de Estado da Defesa Nacional Dr. Marco Alexandre Costa Ferreira. Apresento a V. Ex<sup>a</sup> votos das maiores felicidades no desempenho das suas importantes funções. Conte com a total colaboração da Liga dos Combatentes.

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Batalha, Dr. Raúl Castro e da Assembleia Municipal da Batalha Dr. Joaquim Ruivo.

Exmos. Senhores General Chefe do Estado-Maior do Exército, General Nunes da Fonseca, Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Gouveia e Melo e General Chefe do Estado-Maior da Força Aérea General Cartaxo Alves.

Exmo. Senhor Comandante Geral da GNR, Tenente-general Rui Clero.

Exmo. Senhor Comandante Distrital da PSP de Leiria em representação do Diretor Nacional da PSP.

Ex<sup>a</sup> Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e Forças de Segurança D. Rui Valério.

Exmos. Embaixadores de Angola e Timor-Leste e Adidos de Defesa de Países amigos, Brasil, França, Reino Unido, Estados Unidos.

Exmos. Senhores Almirantes, Generais e Diretores-Gerais do Ministério da Defesa Nacional.

Exmo. Senhor Presidente da SHIP.

Exmos. Senhores Membros do Conselho Supremo, do Conselho Fiscal e da Direção Central da Liga dos Combatentes.

Presidentes das Associações Estrangeiras e Associações Portuguesas e dos Núcleos da Liga dos Combatentes.

Ilustres Entidades Civas e Militares  
Membros da Comunicação Social

Caros Combatentes  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

O Dia do Combatente evoca-se hoje, como sempre, num contexto de memória histórica, mas hoje também, face aos atuais graves acontecimentos bélicos na Europa, num contexto de vivência do presente, devendo eu por isso que reafirmar o que em declaração do dia 24 de fevereiro, dia da invasão da Ucrânia, difundimos publicamente: Constatando que se abriu, no século XXI, na Europa, uma vertente violenta com o emprego da força, na relação entre países europeus, e recordando da História o sofrimento e as vítimas europeias escusadas, do passado, declaramos:

- Repudiar a violação dos Direitos Humanos, no Leste da Europa, como uso de Forças Armadas em ações de guerra, sem que estivessem esgotados os caminhos pacíficos da diplomacia;
- Alertar para necessidade de em permanência, Portugal, dispor de Forças Armadas capazes de serem, quando necessário, um contributo válido, proporcional sustentado, para a defesa da Paz na Europa.

Meus Senhores e Minhas Senhoras

Regressemos ao contexto da memória que nos traz aqui hoje. Ultrapassada a comemoração do centenário da Grande Guerra, acontecimento bélico que marcou profundamente a história contemporânea, somos levados a considerar ser momento para sublinhar e refletir sobre duas realidades.

A primeira, é a de que ao Centenário da Grande Guerra foi dado excecional relevo, não só por parte dos mais altos responsáveis políticos portugueses e das nossas Forças Armadas, mas de todos os setores da vida nacional, em especial dos dominadores de problemáticas historiográficas, de fontes sobre o acontecimento à luz de quem o viveu, arquivos institucionais e pessoais que permitiram a autores e escritores

aprofundar estudos, vivências, memórias, que através da palavra, em colóquios, conferências, ou da escrita, em livros publicados, enriqueceram não só a História, como honraram a memória dos que se bateram e dos que caíram em situação dramática de uma Grande Guerra. Curta, mas mortífera e demolidora.

Foram as consequências, igualmente desumanas dessa guerra, que deram origem à nossa Instituição patriótica e humanitária, como Liga dos Combatentes, da qual estamos a comemorar o Centenário da sua fundação.

A segunda realidade, que nos leva a refletir, é a de que embora tenham finalizado as cerimónias evocativas do Centenário da GG, nós, Liga dos Combatentes e altas entidades representantes do poder político e das Força Armadas, estamos novamente, aqui na Batalha, como estivemos há uma semana em França, nos, para nós históricos lugares, de Richebourg, La Couture, Boulogne-Sur-Mer e Ambleteuse, evocando simbolicamente “a heroica e terrível Batalha de La Lys”, hoje dia Nacional do Combatente, e como vimos fazendo, pela centésima quarta vez, continuando a manter vivas as memórias relativas aos que na Europa e em África, no Atlântico e no Índico, lutaram por Portugal e pela Liberdade.

Quantas vezes aqui, ao longo dos anos se evocaram os que em terra se bateram na Flandres, no Norte de Moçambique ou no Sul de Angola. Se evocaram e se continuarão a evocar. Sempre salientando o eterno conflito entre o cumprimento do dever e o perigo a enfrentar.

Retiro das palavras de um comandante referindo-se ao ambiente por si vivido, na GG, nesse confronto entre o dever e o perigo. Cito:

*“O dever acaba na morte. Deve-se morrer bem. A nossa vida nunca é nossa. Reparemos na Flandres de drenos profundos e lodosos, na Flandres das batalhas. É aqui que vivemos há perto de um ano!*

*Os meus soldados já perderam dos olhos a cor que traziam. E da campanha infinita vêm só ondas de metralha, o rolar monstruoso dos aços que se pulverizam, o estrondear das goelas brancas do canhão! E como novidade, ouve-se bem o ranger das metralhadoras. É mais um comparsa. O incêndio põe bandas avermelhadas no horizonte. Há soldados que andam, que passam, que caem onde o destino quer.*

*Caiem aureolados pela glória, levando na alma a alegria dos sacrifícios sacrossantos, no coração um sentimento de grandeza que ninguém igualará. Nas suas campas de acaso, à beira das aldeias, nos ermos, sob as árvores, na profundidade da água lodosa e verde do Lys – eles terão sempre, como uma prece, a nossa lembrança, como carinho o nosso triunfo, como saudade a nossa admiração. Não chegará nunca o esquecimento! Todos poderão esquecer-los menos nós, companheiros. Nós temos de nos curvar ao respeito que infundem os que caíram nesta cruzada do nosso século. Que descansem os Heróis mortos”. Fim de citação.*

Quem nos diria que passado precisamente um século estaríamos vivendo cenário idêntico.

Por isso, continuamos nós hoje aqui, cumprindo esse legado e dever de preservar sua história e conservar a sua memória, evitando o esquecimento e para que hoje tenhamos moral para gritar bem alto que se evite a todo o custo a repetição da história e se assegure a Paz.

Mas na GG não houve só teatros da guerra terrestres. Ela desenrolou-se igualmente no mar, nomeadamente na costa atlântica portuguesa, no envolvente rio Minho, passando pelo Algarve, Açores e Cabo Verde e na costa Angolana e Moçambicana do Índico. A atividade marítima das forças alemãs no nosso mar, terão mesmo contribuído para a nossa participação na guerra.

A marinha portuguesa teve, pois, também uma extraordinária e arriscada missão, em especial a partir de 1916, acabando por ver afundados em águas nacionais cerca de 56 navios portugueses e cerca de 80 embarcações estrangeiras, entre eles 19 britânicos e 15 italianos, 15 noruegueses, 9 franceses, 7 dos EUA, 6 da Grécia e 6 da Dinamarca, 4 da Rússia, 3 da Espanha, 2 do Brasil, um da Suécia, 1 da Holanda e 1 do Japão.

Num total de cerca de 146 navios das mais diversas nacionalidades, afundados ao longo da costa lusitana, ponto de passagem da frota de submarinos alemães.

Como homenagem a todos eles não podemos deixar de referir mais uma vez o NPR Augusto Castilho e o seu Comandante Carvalho Araújo que escoltava o paquete S. Miguel em direção a Ponta Delgada e de cuja atuação resultou o salvamento de 206 passageiros civis e emulação do NPR e seu Comandante. Luta heroica e desigual de duas horas e quinze minutos, mas testemunha de atos humanitários entre vencedores e vencidos, bem como de luta vitoriosa de 12 naufragos com o mar, os quais chegavam a bom Porto, a nordeste de Ponta Delgada, cinco dias depois do último combate, na GG, entre as forças da marinha portuguesa e alemãs. Estávamos em 19 de outubro de 1918, cerca de seis meses depois da Batalha de La Lys. O Armistício assinava-se, menos de um mês depois, a 11 de novembro do mesmo ano.

Mas também, bem mais longe, na costa de Moçambique, o Cruzador Adamastor, e suas lanchas, bem como a canhoeira Chaimite, haviam atuado e apoiado às forças terrestres, em 1916, fazendo mesmo ações e incursões destemidas no rio Rovuma. A 23 de maio de 1916 foi mesmo longe demais a sua ação e nem a proteção da nossa artilharia impediu a sua retirada, com três oficiais e trinta praças mortos, quatro oficiais e vinte praças feridos e dois oficiais e seis praças prisioneiros. Assim terminava o combate de Namaca.

Mais um exemplo do empenhamento destemido da nossa Marinha na GG. E que dizer da aviação militar, simbolizada em Óscar Monteiro Torres e Gago Coutinho e Sacadura Cabral de que se evoca no corrente ano o Centenário da Travessia do Atlântico Sul.

Estas referências ajudam-nos a evidenciar a participação não só do Exército, sublinhada normalmente deste dia da Batalha de La Lys, Dia do Combatente, mas também dar relevo, com toda a justiça, aos combatentes da nossa Marinha e da Aviação militar.

Também nós combatentes da Guerra do Ultramar, tivemos, por decisão política de então, que nos bater em terra, ar e mar durante catorze anos e temos o direito de, odiando a Guerra, nos batermos agora pelo apoio daqueles a quem a guerra destróçou

a vida e daqueles que chegados ao final de suas vidas necessitam de apoio a saúde e apoio social e financeiro para continuar a viver com dignidade.

Meus Senhores, Minhas Senhoras

Como dizia Jaime Cortesão, Combatente e médico na GG nas suas memórias (cito):  
*"Direi apenas o que vi e ouvi. Sofri demais para poder mentir. O sentido da verdade e a coragem de a dizer, são as maiores conquistas que esta guerra deu aos que nela mergulharam a fundo"*. Fim de citação.

Por isso, afirmo que também nós combatentes da guerra do ultramar e que nela mergulhámos a fundo, que comemoramos o nosso Dia do Combatente, e que na segunda metade do mesmo século, tivemos que enfrentar uma guerra bem mais prolongada, devemos ter coragem par continuar a dizer o que vimos, ouvimos e sentimos.

Mais do que o apreço feito por nós próprios, ao nosso comportamento, ouçamos quem nos observa do exterior:

Cito o General William Westmoreland, Chefe do Estado-Maior do Exército Americano, em relatório ao Congresso dos EUA, após visita, em 1971, ao QG português de Nampula, em Moçambique que dizia:

*"Querem vencer o Vietname, senhores? Dêem-me 8000 soldados desta gente, e ainda este ano o comunismo cai nas terras da Indochina. Eu vi corpos de tropas mais numerosas, batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem soldados mais brilhantes que os do exército português, em cujas fileiras vi desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada dum Império condenado.*

*Quantas vezes, fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar por essa viril e destemida gente portuguesa, que sustenta, há mais de dez anos, em três frentes de guerra, contra uma poderosa face oculta, a mais encarniçada e gloriosa luta.*

*Aqueles homens que desconheciam os efeitos de uma bomba H ou o simples apoio dos helicópteros, provêm de terra desde as montanhas às planícies, cada um com o seu conto pessoal e motivação para ali, a 10 000Km de casa, irem defender os ideais de uma nação há muito esquecida numa Europa dividida.*

*Tentado fiquei, pois, a dizer que nessa mesma Europa existiam três verdadeiros poderes, cada qual com a sua sombra no Mundo: - A Europa Americana, a Europa Russa e Portugal. E é essa raia de gente a quem se pede tanto por tão pouco quer, com meios tão escassos e de modos bem simples, carregando na alma a sombra do Império Português, não precisavam do sabor da Coca-Cola, da experiência da droga ou de cultura hippie para combater. Simplesmente faziam-no, e não abandonavam as armas por uma causa errada, mas defendiam-na não só pela gente lá de casa, mas pela casa lá da gente.*

*De Portugal o canteiro mais velho da Europa, vi frutos verdes ou maduros lutarem lado a lado com igual coragem, como se o combate fosse o ganha-pão dessa gente.*

*Querem vencer o Vietname, senhores? Dêem-me 8000 desta gente, e ainda este ano o comunismo cai nas terras da Indochina.”*

Minhas Senhoras e Meus Senhores

É com este verdadeiro hino de louvor aos soldados portugueses que nos congratulamos com as preocupações expressas no Programa do XXIII Governo Constitucional relativamente aos Combatentes. Em especial o aprofundamento do apoio aos mais desfavorecidos desenhando de forma coordenada com o SNS o acesso dos antigos combatentes ao Hospital das Forças Armadas, bem como o redimensionamento da Rede Nacional de Apoio.

Importante, porém, para os Combatentes é a Revisão do Suplemento especial de pensão e do Acréscimo Vitalício de Pensão isentos de IRS, bem como o apoio à Saúde, nomeadamente médico e medicamentoso.

A Liga dos Combatentes fará chegar a V. Ex<sup>a</sup> Senhora Ministra da Defesa Nacional propostas concretas sobre este delicado e importante assunto que não se encontra expresso no Programa do Governo.

A indispensável Revisão da Lei 9/2002 e 3/2009 dando satisfação a estas preocupações farão do Estatuto do Combatente um Documento verdadeiramente histórico, e de reconciliação entre os Combatentes e o Estado.

Termino agradecendo, mais uma vez, a presença de todos neste dia, mais uma vez memorável, da evocação do Dia Nacional do Combatente.

*Vivam os Combatentes da Guerra do Ultramar e das Operações de Paz  
Viva a Liga dos Combatentes  
Viva Portugal*

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues